

Ivan Brandão Gondim

**Oficina de Música e Saúde Mental - a formação inicial em Psicologia como um
ensaio para a atuação profissional**

Uberlândia

2019

Ivan Brandão Gondim

**Oficina de Música e Saúde Mental - a formação inicial em Psicologia como um
ensaio para a atuação profissional**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial à obtenção do Título de
Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Silvia Maria
Cintra da Silva

Uberlândia

2019

Ivan Brandão Gondim

A formação inicial em Psicologia como um ensaio para a atuação profissional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva

Banca Examinadora

Uberlândia, 17 de julho de 2019

Prof^ª. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG

Prof^ª. Dra. Cíntia Thais Morato (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG

Gil Marquez de Andrade Neto (Examinador)

Apiá Coletivo de Acompanhantes Terapêuticos – Uberlândia – MG

Agradecimentos

Agradeço, a minha família, minha mãe Clarice Pereira Brandão, meu pai, Elder Jeferson da Silva Gondim e minha irmã Maria Elvira Brandão Costa por me apoiarem em outra cidade para que eu pudesse concluir a graduação. Em especial à minha mãe por tudo o que tem feito por mim e minha irmã, e todo esforço que despendeu para que eu chegasse até aqui.

Agradeço a minha orientadora e amiga Silvia Maria Cintra da Silva, por todo carinho, compreensão e confiança depositados em mim, me impulsionando para ir além das minhas expectativas e descobrir novas formas de pensar a Psicologia que almejo em minha vida profissional.

Agradeço a Cíntia Thais Morato e Gil Marquez de Andrade Neto, por terem aceitado de bom grado compor a banca examinadora e avaliar este trabalho. Agradeço também a todos os professores do Instituto de Psicologia por terem sido fundamentais na minha formação, em especial, à Tatiana Benevides Magalhães Braga por tudo que aprendi durante os anos em que fui supervisionado em seu estágio.

Agradeço a todos os amigos que tive a honra de conhecer durante esses anos, em especial aos atletas do vôlei e do handebol pelos bons momentos e as medalhas que conseguimos, ao pessoal do projeto Oficina de Música e Saúde Mental por todas as músicas que tocamos juntos e as experiências que vivenciamos. À Republica Mistério, Yohance Makalani Zacharias e Alberto Morandini por dividir o mesmo teto e também por tudo que compartilhamos nestes anos e a todas as risadas que demos e por fim, agradeço à Letícia Carolina Boffi por todo apoio e afeto que foi sem dúvidas, imprescindível para que eu alcançasse mais uma etapa em minha vida.

*“Todo artista tem de ir aonde o povo está.
Se foi assim, assim será. Cantando me
disfarço e não me canso de viver nem de
cantar. ”*

Milton Nascimento.

Resumo

Um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pode ser considerado o fechamento de um processo; neste caso, o encerramento do Curso de Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E como canto, toco violão e participei, no final do curso, de um projeto de extensão universitária que também envolvia a música, escolhi escrever este TCC no formato de um ensaio. Ensaio aqui é pensado tanto como um trabalho preliminar anterior à estreia de um espetáculo artístico quanto também como um texto composto por histórias, memórias; enfim, um percurso. Trago a música como elemento principal, ao relatar e analisar o Projeto “Oficina de Música e Saúde Mental”, uma parceria do curso de Psicologia com o curso de Música, o Serviço de Atendimento Domiciliar (SAD) e o Setor de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da UFU. Participei das atividades do SAD, e juntamente com os colegas do curso de Psicologia e da Música, visitamos usuários do sistema de saúde que estão impossibilitados de se locomover até o hospital por razões médicas. Nosso intuito nesse projeto foi levar um pouco de conforto por meio da música para aqueles que estão inseridos em uma rotina onde o foco dificilmente sai da doença, trazendo um pouco de alívio para os usuários do serviço e também para os cuidadores, que igualmente estão imersos nas rotinas de cuidados, em detrimento de seus objetivos de vida, já que a demanda de cuidado dos usuários é enorme. É fundamental pensarmos que a Música, ao tratar das singularidades de cada um de nós, merece ocupar um espaço na graduação em Psicologia, trazendo um desenvolvimento pessoal que esteja além das técnicas e teorias que embasam os dois campos de estudo.

Palavras-chave: Psicologia; Música; Saúde Mental.

Abstract

An Undergraduate Thesis can be considered the closure of a process; in this case, the closure of the Psychology Graduation at the Federal University of Uberlandia (UFU). As a singer, guitar player and had participated, at the end of the course, of a project of university extension that also involved music, I chose to write this paper in the format of an essay. Essay here was thought as a preliminary work prior to the debut of an artistic show as well as a text composed of stories, memories; finally, a course. I bring the music as the main element in reporting and analyzing the "Workshop on Music and Mental Health", a partnership of the Psychology graduation and the Music graduation, the Home Care Service (HCS) and the Psychiatry Sector of the Hospital of Clinics of UFU. I participated in the activities of HCS, and together with the colleagues of the Psychology and Music, we visited users of the health system who are unable to travel to the hospital for medical reasons. Our intention in this project was to bring a little comfort through music to those who are inserted in a routine where the focus hardly gets out of the disease, bringing a little relief to the patients and also to the caregivers who are also immersed in the routines of care, to the detriment of their life goals, since the demand for user care is enormous. It is fundamental to think that Music, when dealing with the singularities of each one of us, deserves to occupy a space in the graduation in Psychology, bringing a personal development that is beyond the techniques and theories that base the two study areas.

Keywords: Psychology; Music; Mental Health.

Sumário

1. As primeiras notas	1
2. A música e o desenvolvimento humano	6
3. O projeto que originou este Ensaio	9
4. Porque unir Psicologia e Música	14
5. Referências	16

1. As primeiras notas

Escolhi escrever este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no formato de um ensaio. Podemos pensar tanto na definição de ensaio apresentada no dicionário: “Trabalho preliminar por que passa a montagem de um espetáculo teatral, musical etc., bem como o treinamento dos intérpretes, em sucessivas representações experimentais, antes da estreia”¹ porque o texto traz a música como elemento principal, como na definição nas palavras de Cassal (2013, p. 26),

Este texto é um ensaio, uma tentativa de dar sentido ao que não é facilmente explicável. Compõem-se aqui memórias, histórias, incômodos, alegrias, reflexões e possibilidades, que experimentam tomar forma. Não pretendemos aqui uma linearidade de fatos ou um crescente de importância. É como uma viagem, em que o importante é o caminho, e não a chegada.

Assim, começo este ensaio com a apresentação de algumas situações, encontros, escolhas e músicas que me trouxeram até aqui. Ganhei meu primeiro violão aos 15 anos. Meu pai, divorciado da minha mãe, apenas estava presente nas férias de fim de ano, quando nos víamos por volta de 30 dias. Nós nunca fomos próximos e a condição financeira dele era instável; portanto, ganhar aquele violão – que é o meu único até hoje – foi tido para mim como um sacrifício enorme dele e, por isso, tenho muito cuidado pelo instrumento. As primeiras músicas que aprendi foram retiradas de livretos de cifras de uma antiga loja de instrumentos, e ver meu pai me ensinando essas músicas me fez conhecer um lado dele que eu não tinha experimentado ainda, o pai artista.

¹<https://www.dicio.com.br/ensaio/>

Aos olhos de um iniciante, ele era uma enciclopédia musical, tocando músicas que vão da pouco conhecida “música paraguaia” – forte expressão da nossa família – até os mais conceituados hinos de uma geração de compositores que estão bem vivos até hoje, como Chico Buarque, Milton Nascimento, Vinícius de Moraes, Caetano Veloso e tantos outros que foram ganhando espaços no meu cotidiano e hoje fazem parte de mim.

Após terminar o ensino médio, eu tinha como opção para a graduação os cursos de Biologia, História, Agronomia, Música e Psicologia. Prestei o vestibular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para Agronomia e fui aprovado, porém não me matriculei porque era interno do serviço militar obrigatório naquela época. Após o ano obrigatório, prestei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o vestibular da UFU novamente. Fui aprovado para Psicologia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e também para Psicologia na UFU. Apesar de meu pai morar muito perto do Campus em Campo Grande, decidi fazer a graduação em Uberlândia, mesmo morando com minha mãe em uma cidade próxima.

Eu nunca soube responder por que eu quis fazer Psicologia. Alguns colegas de turma tinham tanta clareza em suas convicções, porém eu acreditava que apenas tinha agarrado essa oportunidade de cursar uma graduação numa universidade pública. Durante toda a graduação em Psicologia, busquei priorizar aquelas atividades que me trouxessem algum conforto e que fizesse de mim uma pessoa cheia de emoções e sentidos. Como um filtro que seleciona interesses, a música protagonizou escolhas que hoje me possibilitam pensar e discutir a sua relevância no decorrer dos cinco anos em que estive na faculdade.

A escolha do tema que compõe este trabalho tem relação com as inúmeras atividades realizadas por mim ao longo do curso. Logo no primeiro semestre, na disciplina Psicologia: Ciência e Profissão, uma das matérias introdutórias do curso,

descobri novas maneiras e expressões de Arte, expressões estas advindas de colegas de curso surpreendentemente talentosos, que com suavidade em suas falas, iam me cativando em relação àquele mundo de cores, sons e movimentos ímpares. Juntamente com meus colegas, o grupo de estagiários supervisionado pela professora Silvia nos fez perceber o forte diálogo que a Psicologia possui com todas as formas de Arte, e então surgiu ali um entusiasmo inicial para buscar uma Psicologia que me trouxesse mais sentido no curso.

Ainda naquela disciplina destaco duas atividades avaliativas em que fui impelido a compartilhar com os colegas do período um pouco do meu lado musical. A primeira foi um desafio. Em grupo, deveríamos apresentar um seminário temático sob o olhar da Arte, e meu grupo e eu escolhemos fazer um teatro sobre a vida da estilista Zuzu Angel, tendo como base o filme homônimo (2006) dirigido por Sérgio Rezende e protagonizado por Patrícia Pillar. O filme é construído em cima da morte misteriosa do filho da estilista na época da ditadura militar e a luta de Zuzu para reaver o corpo do filho. Na adaptação feita por nós, interpretei um militar que torturava o filho da estilista e Chico Buarque, cantor, compositor e amigo de Zuzu. Finalizando a apresentação, acontecia um show do cantor, onde eu interpretei a música “Angélica”, composição dele e de Milton em homenagem à sua amiga.

Na segunda atividade avaliativa tínhamos que elaborar e apresentar um portfólio que fosse capaz de relatar a experiência de todo o semestre e conjuntamente, gerar um ambiente onde os discentes pudessem externar aquilo que mais importou ao longo da disciplina. Optei por compor uma canção que fosse bem-humorada e ao mesmo tempo relembresse as atividades de que participei e aquelas com que mais me identifiquei.

Uma das atividades avaliativas da disciplina de Social II ministrada pela Professora Maristela consistia em escolher um objeto pessoal e relacioná-lo com os

textos de representação social, mostrando como um objeto pode possuir grande carga simbólica, representando as relações sociais que o sujeito perpassa. O objeto escolhido por mim foi o meu violão, que de certa maneira representa as minhas relações com meu pai e meus amigos, que assim como eu também tocam violão. Portanto, ter isto em comum me possibilita conhecer pessoas e lugares que antes eu não conhecia e também participar de atividades relacionadas a esse objeto e, por isso, tenho uma maneira de me inserir em grupos em que antes eu não poderia estar inserido.

No segundo de semestre de 2016, ingressei na Bateria Insana, a bateria universitária da Psicologia², da qual sou membro até hoje. Essa instituição já existia há algum tempo, porém, sempre que os alunos se esforçavam para mantê-la ativa, não conseguiam fazê-lo. Minhas únicas experiências com percussão tinham sido no Conservatório de Araguari³, onde eu fazia aula de canto lírico, mas tinha em minha grade horária a Prática de Conjunto, onde aprendi basicamente a tocar congo, tamborim, chocalho e triângulo. Uma amiga em especial sempre me convidava para participar da bateria, e hoje até me arrependo de não ter entrado antes, pois participar da Bateria me deu forças para continuar no curso.

No início, eu tocava caixa, depois por um curto período passei para o tamborim e por um ano inteiro eu toquei surdo de terceira, que é o instrumento de que eu particularmente mais gosto. Retornei ao tamborim após esse período, instrumento que toco até hoje. Tivemos a oportunidade de competir no desafio do Diretório Central dos Estudantes (DCE) que ocorreu no segundo semestre de 2018, onde participaram outras

²A Bateria insana teve início em 2016 e atualmente conta com 26 estudantes do Curso de Psicologia. Por ser uma bateria de competição, busca evoluir constantemente para participar dos mais diversos desafios de baterias de Minas Gerais e região.

³ No estado de Minas Gerais, “Os Conservatórios Estaduais de Música integram a rede de escolas estaduais e têm suas ações voltadas para a formação profissional de músicos em nível técnico, a educação Musical e a difusão cultural.” Disponível: http://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/%7B3A0945D0-C293-4E29-BCD0-F6F792689EEE%7D_RESSEEMG_7182005_Conservat%C3%83%C2%B3rios.pdf

dez baterias da UFU. Apesar de ficarmos em penúltimo lugar – o que foi uma vitória para nós, por ser a primeira competição de uma bateria da Psicologia – ganhamos o estandarte de melhor mestre, um prêmio mais que merecido para a nossa mestra⁴, por todo o empenho em motivar uma bateria nova e inexperiente a alcançar esse mérito.

Em 2018, recebi um dos convites mais especiais da minha vida acadêmica: participar de um projeto intitulado “Oficina de Música e Saúde Mental” conjuntamente com o curso de Música, o Serviço de Atendimento Domiciliar (SAD) e o Setor de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da UFU sob orientação de Neftali Centurion e Cíntia Morato, docentes dos cursos de Psicologia e Música, respectivamente. Eu participei das atividades do SAD, e juntamente com os colegas do curso de Psicologia e os da Música, visitamos usuários do sistema de saúde que estão impossibilitados de se locomover até o hospital por razões médicas, geralmente má formação óssea, comprometimento das vias respiratórias, entre outras complicações.

Nosso intuito nesse projeto foi trazer um pouco de conforto através da música para aqueles que estão inseridos em uma rotina onde o foco dificilmente sai da doença. Em algumas casas que visitamos, os usuários permanecem em suas camas – que muitas vezes são leitos emprestados do Hospital – por anos e aos poucos vão perdendo sua individualidade, seus costumes e vontades, dependendo de familiares e cuidadores para satisfazer todas as suas necessidades básicas. Por tanto, nosso projeto leva entretenimento aos usuários do serviço, trazendo um pouco de alívio para os usuários e também para os cuidadores, que também estão imersos nas rotinas de cuidados, em detrimento de seus objetivos de vida, já que a demanda de cuidado dos usuários é enorme.

⁴Betânea Carvalho de Paula.

Destaco uma das visitas que fizemos a uma senhora de aproximadamente 90 anos que está com os movimentos bem reduzidos, não escuta muito bem, não fala e não anda. Ela fica 24 horas por dia deitada num leito em seu quarto e depende do cuidado de duas filhas. Quando chegamos em sua casa, as duas filhas estavam visivelmente cansadas, e uma delas nos disse que sua mãe não havia dormido durante a noite, só cochilando de vez em quando e por isso elas também não dormiram. Quando dissemos que gostaríamos de cantar para elas, uma das filhas esclareceu que talvez a mãe não escutasse, pois tinha uma complicação no ouvido por conta da doença, então nós teríamos que cantar mais alto.

Antes de iniciarmos a cantoria, lembro-me de que ela não esboçava reação a nada, apenas apertava a mão da filha quando esta falava bem alto em seu ouvido para escutar. Cantamos músicas conhecidas do gosto popular, como “Índia e Moreninha Linda” porque soubemos que ela gostava; no início, ela tentava bater palmas, e isso foi motivo de muita alegria para as filhas, que desataram a chorar e filmar o que estava acontecendo. Sempre que terminávamos uma canção e as filhas aplaudiam, ela fazia o mesmo, e percebi uma leveza no que acontecia, e tudo isso, que se passou logo no primeiro dia do projeto, nos trouxe ânimo para progredir cada vez mais.

2. A música e o desenvolvimento humano

Antes de me aprofundar na temática deste ensaio, é preciso deixar claro que a concepção de ser humano a ser aqui trabalhada é a proveniente da Teoria Histórico-cultural, em que:

Este passa a ser visto no seu caráter concreto, produzido por e produtor das condições sociais, históricas e econômicas em que está inserido, considerando os processos de contradição característicos das relações sociais que podem gerar

movimentos de aceitação e de negação daquilo que é socialmente disponibilizado em diferentes momentos históricos. (Zanella et al., 2006, p. 8).

Dessa maneira, o sujeito se constitui por meio dos próprios vínculos estabelecidos no seu contexto social, e esses vínculos são constituídos pela cultura e pelas representações da sociedade da qual ele faz parte, transformando-a e sendo transformado (Zanella et al. 2006). Em outras palavras, a cultura age de uma maneira que dá forma e produz a música, fornecendo os modelos e instrumentos musicais (e simbólicos) para instigar a atitude criativa do sujeito. Quando experienciamos a música, surge uma relação com a matéria musical por si só e com toda uma rede de significados que foram construídos no nosso mundo social (Maheirie, 2003).

Maheirie (2003) percebe o sentido da música como algo que transpassa a afetividade. Ao notarmos uma música, nos conectamos com as características próprias de seus sons e assim, vem à tona uma recordação de um conjunto de sons com que tivemos contato anteriormente, nos possibilitando construir um sentido para o que está sendo ouvido. As particularidades de cada som lembrado vêm a nós como uma espécie de agrupamento de representações determinadas por uma consciência afetiva. E quanto mais músicas ouvimos, especialmente aquelas às quais não estamos habituados, mais ampliamos o nosso repertório musical – o que vale também para outras linguagens artísticas.

A Música, como uma forma de Arte, pode evocar sentimentos nas pessoas. Esse sentimento pode ser bom ou mau e nesse sentido a Arte, como escreveu Vigotski (1998), “é uma linguagem do sentimento que temos que avaliar em função do que dizemos sobre ela” (p. 304). A música, dessa maneira, é o fio condutor que age nas

peças afetivamente, produzindo um sentimento que é individual, inicialmente, se transforma em social através da Arte.

A música, por si mesma e de forma imediata, está mais isolada do nosso comportamento cotidiano, não nos leva diretamente a nada mas cria tão-somente uma necessidade imensa e vaga de agir, abre caminho e dá livre acesso a forças que mais profundamente subjazem em nós, age como um terremoto, desnudando novas camadas (Vigotski, 1998, p.320).

Este trecho, de Vigotski, trata da ação libertadora que a música nos permite ter ao entrar em contato com ela. E tal ação foi justamente um dos intuitos do Projeto.

O livro *Psicologia da Arte*, de Vigotski (1998), surge a partir da necessidade do autor “rever a psicologia tradicional da arte” no sentido de ir além do subjetivismo no estudo da Arte e da Psicologia. Ele acredita “que a ideia central da psicologia da arte é o reconhecimento da superação do material da forma artística ou, o que dá no mesmo, o reconhecimento da arte como *técnica social do sentimento*”⁵ (1998, p. 3). Vigotski caminha em direção ao objetivismo no estudo da Arte, buscando formular seu problema e método de estudo sob premissas objetivas (Barbosa, 2019). Vigotski não usa informações das impressões e depoimentos dos autores e nem consumidores das obras que analisa por considerá-las um método subjetivo de estudo; portanto, o método ideal seria pesquisar a forma e material da Arte, que são perpassadas pelas emoções de maneira a se tornar aspectos fundantes do que Vigotski concebe como Arte (Barbosa, 2019).

⁵Grifos nossos.

3. O projeto que originou este Ensaio

O projeto “Oficina de Música e Saúde Mental” surgiu em 2018 visando cooperar com o tratamento dos usuários da Unidade de Internação em Saúde Mental e do Serviço de Atenção Domiciliar (SAD) do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU). Este projeto conta com a participação de discentes e docentes dos cursos de graduação de Música e Psicologia e as responsáveis são a professora Cíntia Thais Morato, da Música e a professora Neftali Beatriz Centurion da Psicologia. Nós fomos divididos em duas equipes, uma para cada serviço prestado pelo HC-UFU de acordo com as especificidades de cada serviço. A equipe da Unidade de Internação do hospital realiza oficinas mediadas por recursos musicais, onde as atividades abrangem consciência corporal, musicalização e ressocialização em grupo. Já a equipe do SAD – da qual faço parte e será o foco deste trabalho – realiza visitas quinzenais às casas dos usuários do serviço.

Com uma demanda por melhorias na qualidade e no cuidado integral à saúde, o Serviço de Atendimento Domiciliar surgiu na década de 1960 e foi se multiplicando no Brasil a partir de 1990. A atenção domiciliar é uma modalidade de atenção à saúde complementar ou substitutiva, voltada para a prevenção e tratamento de doenças prestadas em domicílio, já que devido às complicações das enfermidades os usuários do serviço ficam impossibilitados de recorrer aos meios tradicionais de tratamento não conseguindo se locomover ao hospital (Ministério da Saúde, 2011).

Em 2011, o governo criou o programa “Melhor em casa” (Ministério da Saúde, 2011) institucionalizando o Serviço de Atendimento Domiciliar, com a proposta de expandir para mil equipes voltadas a esse atendimento até o ano de 2014. Atualmente o programa opera de duas maneiras: a primeira é uma alta hospitalar acompanhada de tratamento de baixa e moderada complexidade, recebendo visitas apenas para ter a

atenção necessária para a conclusão do tratamento. A segunda maneira diz respeito aos usuários de alta complexidade, que depois de um período de internação, são encaminhados para suas casas, dando continuidade ao tratamento sem a necessidade de ficar no leito de hospital (Serafim e Ribeiro, 2001).

A equipe do SAD do HC-UFU é composta por médico, psicóloga, fisioterapeuta, nutricionista, enfermeira, técnica de enfermagem e assistente social. Os horários das visitas acontecem das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas diariamente e o dia da semana reservado para as visitas com os alunos do projeto é a sexta-feira, de manhã e à tarde. Os usuários do serviço que são visitados no dia são escolhidos de acordo com a complexidade da enfermidade e também pela demanda dos próprios profissionais. Quando nos reunimos nas sextas-feiras antes das visitas, um ou outro profissional dá sugestões de casas que seriam interessantes para receber a visita do nosso projeto por entenderem que tal usuário necessita de um cuidado para além do hospitalar. Uma empresa de transporte terceirizada era responsável por nos levar até as casas dos usuários do serviço.

Demos início às visitas no segundo semestre de 2018, eu e o Lucas, discente do curso de música com especialidade em percussão. Combinamos que ele tocaria os instrumentos de percussão (cajón, chocalhos, agogô e triângulo) e eu cantaria e tocava o violão. A escolha do repertório a ser tocado inicialmente foi composta por rock e pop rock brasileiro, MPB e músicas infantis; porém, durante as visitas fomos percebendo a forte demanda por músicas religiosas e sertanejo. Isto me preocupou inicialmente porque eu não tinha muita experiência com esses dois gêneros, principalmente a música gospel, porém a cada ensaio com o pessoal do projeto eu conhecia duas ou três músicas e assim, criamos um repertório satisfatório para as visitas.

No primeiro dia de visitas, eu, o Lucas, a professora Cíntia e a psicóloga fomos a três casas. A primeira foi uma mulher de 61 anos que morava sozinha num bairro na periferia da cidade. Ela nos atendeu ao chegarmos e logo entramos em sua casa e nos sentamos em uma mureta na área do fundo. Ela nos contou sua história de vida, do abuso de álcool e outras drogas, de sua criação em orfanato e o quanto sua infância foi difícil. Ela também deixou clara a importância da religião em sua vida, buscando força para seguir na vida em Deus.

Para aquele dia de visitas tínhamos no repertório as músicas “Índia”, “O Segundo Sol”, “Moreninha Linda”, “O Sol” e “É Preciso Saber Viver”⁶. Como não sabíamos os gostos musicais dos usuários do Melhor em Casa, nós íamos perguntando em cada visita sobre músicas que eles gostam para tocarmos na próxima oportunidade de visita. Ficou clara para mim a diferença, mesmo que sutil, que promovemos nessas visitas, visto que para o primeiro dia eu apenas tinha expectativas acerca da reação dos usuários do Melhor em Casa e ver o que havíamos planejado acontecendo me trouxe um sentimento de gratidão enorme.

Levar música para a casa dessas pessoas me fez lembrar as emoções que eu compartilhava com meus colegas nos primeiros anos de faculdade quando ficávamos durante os intervalos das disciplinas tocando violão e cantando num espaço de integração que conhecido, entre estudantes do curso de Psicologia da UFU, como “salinha”. Esse sentimento que emanava em mim expressava uma vontade de procurar mais atividades onde fosse possível juntar Música e Psicologia e assim construir um campo de trabalho que trouxesse bem-estar. As atividades avaliativas das disciplinas, os seminários, provas e afins não me diferenciavam dos meus colegas, eu não sentia que era a Psicologia o caminho que eu deveria percorrer em minha vida, o que me fazia

⁶ Índia, composição de José Fortuna; O Segundo Sol, de Nando Reis; Moreninha Linda, da autoria de Tinoco, Primitivo e Maninho; O Sol, de Vitor Kley e É Preciso Saber Viver, composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos.

sentir diferente de todas as outras pessoas e o que me encorajava a continuar no curso eram esses momentos de descontração fora da sala de aula.

As experiências que conto aqui me servem para refletir sobre os caminhos que segui na graduação e quão importante a música foi durante esses cinco anos. Cada instante em que a música esteve presente dentro da universidade me fez sentir mais leve em relação às pressões que nós universitários geralmente experimentamos e me proporcionou meios para uma Psicologia que tenho vontade de desempenhar. Experiências com música se tornam possíveis quando há uma musicalidade social anterior e posterior a nós.

Funções psicológicas como a memória, a percepção, a atenção, a imaginação, o pensamento e as emoções, dentre outras, são eminentemente humanas. Estas funções, inicialmente denominadas elementares, vão se complexificando por meio da apropriação dos signos culturais “em um processo educativo/formativo no qual os instrumentos psicológicos que regularizam, a princípio de forma externa, a conduta social, são internalizados, passando a ser um recurso interno do próprio indivíduo.” (Vieira, 2016, pp. 49-50). Assim, nossas funções psicológicas superiores são internalizadas culturalmente (Vygotsky & Luria, 1996, citado por Gonçalves & Pederiva, 2019, p. 21).

De acordo com Gonçalves e Pederiva (2019, p. 21)

Na sociedade humana, desenvolvemos nossa percepção, nossa atenção voluntária, nossa fala, nossa memória, nosso pensamento conceitual, e é assim que internalizamos a musicalidade social. Esta se torna uma função psicológica superior por exigir não apenas consciência voluntária dos movimentos, do

pensamento, dos gestos, mas por se desenvolver na cultura, criando condições de possibilidades para nos relacionarmos com o mundo sonoro.

Este mundo sonoro é percebido de diferentes formas por cada um de nós e essa individualidade faz com que sejamos afetados também de inúmeras formas. Aqueles beneficiados pelo projeto têm a oportunidade de se reconectar com a música e para isso cito como exemplo um dia de visitas onde conhecemos um senhor por volta de 95 anos que, ao cantarmos forró, nos contou histórias de quando mais novo ia para os bailes dançar com sua mulher e o quanto sentia falta daquilo. Hoje, devido às complicações em função de um problema respiratório, não é mais possível ir aos bailes, mas ao ver seus olhos lacrimejarem lembrando os dias em que podia fazer isso, deixou claro que a música toca nele, recuperando lembranças de um tempo bom e trazendo bons sentimentos em tempos difíceis. Seu relato diz muito sobre quão humanos podemos ser através da música e também reitera a potência que ela carrega.

Penna (1990, citado por Catão, 2010) afirma que “a música é uma experiência humana. Não deriva das propriedades físicas do som como tais, mas sim da relação do homem com o som” (p. 115). Assim, fica explícito o sentido humano do experimentar música, levando em consideração que os indivíduos, mesmo que não detentores de técnica e ciência que antecede a música possuem seus próprios meios de se relacionar com ela e a dança é sem dúvidas, uma das formas de expressão musical mais presentes no cotidiano das pessoas. Não é mais surpresa para nós do projeto que as pessoas têm formas individuais de se relacionar com a música. Tivemos experiências onde umas dançavam, outras cantavam, algumas sentiam a música de outros modos e outras tocavam instrumentos conosco.

4. Porque unir Psicologia e Música

Tomando como nota as minhas experiências pessoais durante a graduação e concordando com Catão (2010), ao definir a Música como “a arte de combinar som e silêncio” (p. 115), tenho para mim que ela é uma mistura de arte, ciência e técnica que só se une em música quando nós nos propomos a fazê-la. Ela leva significado para quem compõe, mas também conduz cada um de nós aos nossos próprios sentidos. A música tem esse poder incrível de manifestar nossas individualidades e as visitas do projeto nos demonstram isso com experiências muito ricas envoltas de música e é muito preciosa para mim cada uma das reflexões que tive a respeito disso.

Dessa maneira, me parece fundamental pensarmos que a Música, ao tratar das singularidades de cada um de nós, merece ocupar um espaço na graduação em Psicologia, trazendo um desenvolvimento pessoal, que esteja além das técnicas e teorias que embasam os dois campos de estudo.

De acordo com Pederiva e Nassif (2019, p. 1), a Teoria histórico-cultural “cujas pesquisas no Brasil e no cenário internacional ainda tentam construir um diálogo entre música e educação, com uma epistemologia própria e singular dessa atividade humana, apresenta condições necessárias para fundar novas bases para a educação musical” importante para “o desenvolvimento humano de forma integral, por meio do desenvolvimento das musicalidades das pessoas.” (Idem).

Como escreve Silva, em artigo sobre a Arte e a formação do psicólogo

O contato com a obra de arte aproxima as pessoas das características constituintes da condição humana, como alegria, medo, tristeza, angústia, saudade, esperança. E também não são estas características o material de trabalho do psicólogo? A esse profissional interessa tudo aquilo que diz respeito aos seres humanos. Outro aspecto a ser considerado é o convite que a obra de arte faz ao fruidor para que ela possa existir. O envolvimento do sujeito, a exigência de que ele entre com sua história de vida, pensamentos, percepções, sentimentos e valores possibilita um avanço nesses mesmos quesitos. (Silva, 2004, p. 101).

Assim, é imprescindível que a Arte esteja mais presente nos projetos Pedagógicos dos cursos de graduação em Psicologia e não apenas no formato de disciplinas optativas. No caso específico do curso de Psicologia da UFU, a Arte aparece apenas em duas matérias optativas: “Subjetividade e Arte” e “Arte e Formação de Psicólogos”, que não são oferecidas em todos os semestres. Além disso, é importante lembrar que ela pode fazer parte do cotidiano de quaisquer outras disciplinas, permitindo ao professor estabelecer diálogos com diferentes conteúdos por meio de poemas, contos, filmes e, é claro, músicas.

Neste sentido, neste primeiro semestre a professora Silvia convidou-me para ensinar uma música para a turma de Psicologia da Aprendizagem II. A música escolhida foi “Refazenda”, de Gilberto Gil. A inusitada atividade provocou grande entusiasmo na turma e os 40 estudantes participaram ativamente, sendo que alguns também tocaram instrumentos, como chocalho, surdo e caixa. É um exemplo de como Arte, e mais especificamente a música, pode ser utilizada para instigar a aprendizagem no Ensino Superior, além de ampliar o repertório cultural discente – e, ainda, reverenciar a obra de um dos grandes nomes da música popular brasileira.

Fica o convite para que outros Projetos como a Oficina de Música e Saúde Mental possam compor a formação inicial em Psicologia. Este ensaio tem limites, entre eles a interlocução com a Teoria Histórico-cultural, que poderia ter sido mais aprofundada, mas ele registra a extrema relevância da música como elemento primordial para a minha futura atuação profissional.

5. Referências

- Barbosa, M. F. S. (2019). Vigotski e Psicologia da Arte: horizontes para a educação musical. *Cad. Cedes*, 107(39), 31-44.
- Cassal, L.C.B. (2013). Homofobia e Cidade: Um Ensaio Sobre Lâmpadas, Segurança e Medo. *Rev. Polis e Psique*, 3(3), 24-38. Recuperado em 14 de maio de 2019, de <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/42294>
- Catão, M. V. (2010). Música e escola: um estudo sócio-histórico sobre a musicalização. *Rev. UNIABEU*, 5(3), 115-127.
- Maheirie, K. (2003). Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 147-153.
- Gonçalves, A. C. A. B., Pederiva, P. L. M. (2019). A unidade educação-música: educação musical na teoria Histórico-cultural. *Cad. Cedes*, 107(39), 19-30.
- Silva, S. M. C. (2004). Algumas reflexões sobre a arte e a formação do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(4), 100-111. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000400012>
- Vieira, A. P. A. (2016). *Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para o estudo do desenvolvimento do autocontrole/autorregulação: um estudo introdutório.*

Monografia (especialização). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, Brasil.

Vigotski, L. S. (1998). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes.

Zanella, A. V., Cabral, M.; Grimm, Maheirie, K.; Da Ros, S., Zanatta, U. L. C., Titon, A. P. W., Francyne W., & Sander, L. (2006). Relações estéticas, atividade criadora e constituição do sujeito: algumas reflexões sobre a formação de professores (as). *Cadernos de Psicopedagogia*, 6(10), 00. Recuperado em 01 de maio de 2019, [dehttp://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167610492006000100002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167610492006000100002&lng=pt&tlng=pt).